

GRUPO OPERATIVO DE AUTOAJUDA PARA AUXILIO TERAPÊUTICO DE HOMOSSEXUAIS NO ÂMBITO VIRTUAL

OPERATING GROUP OF SELF-ASSISTANCE FOR THERAPEUTIC SUPPORT OF HOMOSEXUALS IN THE VIRTUAL SPHERE

WILSON SIMÃO DA SILVA^{1*}, EDILENE DE LIMA²

1. Discente do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ; 2. Psicóloga e Docente Mestre do Curso de Psicologia da UNINGÁ.

* Rua Sidnéia Maria Portes Name, 208, Jardim Olímpico, Maringá, Paraná, Brasil. CEP 87070-390. wilson.926@hotmail.com

Recebido em 11/08/2016. Aceito para publicação em 16/10/2016

RESUMO

O presente artigo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia do Centro Universitário Ingá e tem como objetivo investigar as contribuições terapêuticas vindas de um grupo virtual constituído por jovens que são maioria homossexuais não assumidos. Foi feito um levantamento bibliográfico sobre assuntos pertinentes a grupos de autoajuda, homossexualidade e ciberespaço, em portais que reúnem periódicos científicos, tais como Scielo e Pepsic, também foram utilizados artigos da Revista Bagoas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte sobre estudos gays, gênero e sexualidade. Foram entrevistados 12 jovens homossexuais dispersos em vários estados do Brasil, membros do grupo virtual em questão. Os resultados mostram que os principais fatores dos membros da comunidade não assumirem sua sexualidade é o medo da sociedade e da família, violência e religião. Aos serem questionados sobre a comunidade ter ajudado em sua condição sexual e o que mudou com o tempo, é perceptível que a forma de lidar com sua sexualidade socialmente mudou, contribuindo para a autoaceitação. Essa experiência serviu de apoio para todos os membros e fez mudanças significativas em suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberespaço, homossexualidade, armário, grupo de autoajuda, comunidades virtuais.

ABSTRACT

This article is part of the Final Project in Psychology Major of Inga University Center and aims to investigate the therapeutic contributions from a virtual group formed by young people who are, in the majority, not assumed homosexuals. It was done a literature on relevant subjects to self help groups, homosexuality and cyberspace portals that bring together scientific journals such as Scielo and Pepsic. It also used articles of the Bagoas Magazine of Federal University of Rio Grande do Norte about gay, gender and sexuality studies. We interviewed 12 young gays scattered in different states of Brazil, members of the virtual group in question. The results show that the main factors of the community members do not assume their sexuality is the

fear of society and the family, violence and religion. To be questioned about the community has helped in their sexual condition and what has changed over the time, it is noticeable that the way to deal with their sexuality has transformed socially, thus contributing to self-acceptance. This experience served as a support for all members and made significant changes in their lives.

KEYWORDS: Cyberspace, homosexuality, closet, self help group, virtual communities.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de uma discussão sobre as possíveis contribuições terapêuticas encontradas em um grupo de pessoas homossexuais que possuem estritamente o vínculo virtual. Partimos do princípio que os membros desse grupo ao compartilharem suas frustrações cotidianas, estão tendo, mesmo que mínimo, um espaço terapêutico de escuta e compreensão.

No atual cenário tecnológico é possível perceber a facilidade em estabelecer relações em contexto virtual de pessoas com interesses em comum. O que suscitou a realização dessa pesquisa foi o anseio de compreender se um ambiente virtual que se torna ponto de encontro de jovens homossexuais que ainda estão no “armário”, pode ter algum efeito terapêutico para essa situação e se caracterizar como um grupo de autoajuda.

Segundo Sedgwick apud Miskolci (2007)¹, o armário é um regime de controle da sexualidade que rege e mantém a divisão binária hetero-homo da sociedade ocidental desde os fins do século XIX. Ele se caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas fazendo do espaço público sinônimo de heterossexualidade, relegando somente ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo.

A proposta do tema justifica-se no sentido de identificar se ocorre esse efeito no encontro de jovens em website que estão vivenciando uma situação em comum,

a homossexualidade não assumida por vários fatores. Na sociedade contemporânea, apesar de ser um tema já muito discutido, a homossexualidade ainda enfrenta diversas barreiras para sua exposição. O conceito de heteronormatividade favorece a compreensão de fatores que regem algumas normas da sociedade, fazendo com que homossexuais se escondam ou procurem alternativas para a sua expressão.

O desenvolvimento desse estudo, primeiramente irá abordar um referencial teórico sobre o assunto, retratando as características do grupo de autoajuda bem como o ciberespaço e a heteronormatividade. Em seguida será apresentado os resultados da pesquisa de campo em categorias pertinentes a situação desses indivíduos, como: família, sociedade e religião e papel atribuído na comunidade para a autoaceitação. Portanto, nessa pesquisa será discutido como o grupo virtual pode ser configurado como um grupo de apoio mútuo, por meio de uma pesquisa de campo para analisar os dados levantados através das entrevistas com o apoio de uma base conceitual.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho inicia-se com a pesquisa de caráter bibliográfico, isto é, são elencados materiais produzidos literariamente com o objetivo de enriquecer a discussão e ampliar a base do conhecimento sobre o tema pretendido. Gil (2002)² aponta que, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Em seguida foi realizado o levantamento de dados no campo que, de acordo com Marconi & Lakatos (1996)³, é uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois é nesta etapa que ele vai definir os objetivos da pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados, tamanho da amostra e como os dados serão tabulados e analisados.

Este projeto delimita-se à pesquisa do tipo descritiva. Segundo Gil (2002)², este tipo de pesquisa geralmente tem por objetivo estudar as características de um grupo (sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde). A pesquisa descritiva não está interessada em descobrir as causas dos fenômenos, apenas suas características.

Em relação à natureza dos dados da pesquisa, será qualitativa, tendo em vista a qualidade das informações cedidas pelos entrevistados, que segundo Martins e Bicudo (1989)³, “[...] busca uma compreensão particular daquilo que estuda”. A abordagem qualitativa não se preocupa com generalização do conhecimento, pois o foco da atenção “[...] é centralizar no específico, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados”. De acordo com Rey (2011)⁴ “a abordagem qualitativa é o estudo da subjetividade e volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivos a predição, a descrição e o controle”

vidade e volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivos a predição, a descrição e o controle”

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de banco de dados brasileiros, como Scielo, Pepsic e a revista Bagoas, sendo utilizadas as palavras-chave: homossexualidade, ciberespaço, comunidades virtuais, redes sociais. Além disso, foram utilizados autores da psicanálise tais como: Zimerman, Pichon-Rivière e Osório.

Participantes

Serão 12 participantes de uma comunidade virtual, de ambos os sexos, com idade entre dezoito a vinte e cinco anos, dispersos geograficamente pelo Brasil. Tal amostra foi escolhida em virtude de nosso interesse, nesta pesquisa, pela liberdade virtual de expressão.

Além disso, o número pesquisado será limitado a 12 em virtude da constituição da comunidade, bem como por entendermos que tal amostra é suficiente para atender aos objetivos da pesquisa proposta.

Como forma de preservar a identidade dos participantes, estes serão referidos por meio de letras e números, da seguinte maneira: S1, S2, S3 e assim por diante.

Materiais

Os materiais utilizados foram o roteiro de entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Procedimento

O trabalho teve início com o discente do curso de Psicologia comunicando informalmente a ideia de se fazer uma pesquisa sobre a dinâmica do grupo para os seus membros na própria plataforma virtual que costumam usar. Com o início da disciplina de Projeto de Pesquisa foram feitas explicações sobre o objetivo da pesquisa bem como o sigilo dos dados levantados.

Foi realizado um roteiro de entrevista, as perguntas consistiram em buscar informações relacionadas à busca desse vínculo virtual, os motivos de não assumirem sua sexualidade e o que esse ambiente trouxe de positivo para a vida dos seus participantes. Juntamente com o projeto de pesquisa, foram avaliados pelo comitê de ética que aprovou sua continuidade. Primeiramente, cada participante leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Posteriormente foi encaminhada por e-mail a entrevista para a coleta de dados. A entrevista foi respondida por escrito pelos sujeitos, sem a presença do entrevistador e encaminhada aos participantes por email.

3. DESENVOLVIMENTO

Teorias de grupos de apoio na psicanálise

Para Pichon-Rivèri (2005)⁵, a definição de grupo

consiste no “conjunto de pessoas reunidas por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõem, implícita ou explicitamente, uma tarefa que constitui sua finalidade”. Já para Osório (2000)⁶, grupo consiste num “conjunto de pessoas em uma ação interativa com objetivos compartilhados”.

A configuração mais usual dessa modalidade é conhecida como grupo de autoajuda, também conhecido como grupo de mútua ajuda. Sua contribuição terapêutica merece ser destacada tanto pela sua eficácia quanto pelas várias áreas que podem ser beneficiadas pelo seu método. Um dos tipos desse grupo é classificado como “sobrevivência social” que são compostos por pessoas portadoras de uma mesma categoria de prejuízos e de necessidades. Esse tipo de classificação dá apoio aos homossexuais⁷.

Nesse sentido, de acordo com Yalom (2006)⁸, existe uma diferença entre grupos terapêuticos e grupos de autoajuda, pois conforme o autor sugere, “os grupos de autoajuda diferem dos grupos de terapia no sentido de que fazem muito menos interpretações da personalidade, há menos confrontação e muito mais afirmações solidárias e positivas”⁸. Isso demonstra que não é classificado como terapia por não ter um processo psicoterápico, mas tem sua contribuição terapêutica pelo apoio e o acolhimento.

Segundo Zimerman (1997)⁷, o grupo de autoajuda normalmente é um grupo de formação espontânea entre pessoas que se sentem identificadas por algumas características semelhantes entre si, se unificam quando percebem que tem condições de se ajudarem reciprocamente.

Os grupos de autoajuda são bem-sucedidos e alcançam bons resultados por otimizar os fatores terapêuticos, são eles a universalidade, o altruísmo, a instilação de esperança e o apoio mútuo, o que reforça e presume que cada membro do grupo é agente de sua própria mudança⁹.

O grupo de autoajuda direcionado para alcoólatras foi o pioneiro desta modalidade. “Alcoólicos Anônimos (AA) destaca-se como uma organização de autodenominados alcoólicos que se reúnem frequentemente e voluntariamente para reforçar sua prática de abstinência de ingestão de bebidas alcoólicas”¹⁰. O grupo surgiu nos Estados Unidos, em 1935 e o AA se disseminou por todo o mundo, eles compartilham suas vivências e contribuem financeiramente para que o grupo continue existindo.¹⁰

Conforme Zimerman (1997)⁷, em grupos de autoajuda surgem lideranças naturais que funcionam com o papel de coordenadores. O autor ainda salienta que esses exercem atividades interpretativas que consistem em uma série de recursos para o coordenador, como o “uso de perguntas que instigam reflexões; clareamentos; assinalamentos de paradoxos e contradições, um con-

fronto entre realidade e imaginário[...]”(Zimerman,1997, p.38)⁷.

Isso demonstra que o coordenador desse tipo de grupo é uma pessoa que possui uma bagagem vivencial sobre o assunto, e que isso lhe favorece uma preparação para orientar os demais integrantes do grupo. De acordo com Levisky (2001)¹¹, o coordenador acaba sendo um modelo identificatório para os integrantes do grupo, e a sua palavra adquire força, pois está acompanhada de afetividade, devido aos vínculos que se estabelecem entre ele e os demais participantes.

Segundo Yalom (2006)⁸, esses grupos são “abertos e acessíveis, e oferecem apoio psicológico a qualquer um que compartilhe as características que definem o grupo” e que com a experiência do grupo seus membros se tornam colegas dignos de confiança.

A questão do armário

Historicamente, a homossexualidade passou por alguns contratemplos, de acordo com Muribeca (2009)¹², inicialmente foi incluída por Freud no quadro de perversões em seu livro titulado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905. Também foi classificada como doença e relacionada a aspectos negativos como uma degenerescência pelo saber psiquiátrico, mas acabou sendo reconhecida, em 1974. Neste ano, a American Psychiatric Association (APA) retira a homossexualidade da lista de doenças mentais. Também nessa época, o termo homossexualidade é retirado da Classificação Internacional de Doenças (CID), livro elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e em 1987 o termo perversão é substituído por parafilia na terminologia psiquiátrica mundial que não incluía a homossexualidade¹².

De acordo com Saggese (2009)¹³, no início do século XX, já era possível encontrar publicações médicas que abordavam a homossexualidade como um tipo de decadência e doença, enquanto a heterossexualidade era modelo padrão, especialmente quando vinculada ao casamento. Na sociedade contemporânea, os estudos da homossexualidade estão voltados a questões sociais, como a Homofobia, que é um conjunto de emoções negativas em relação às pessoas homossexuais¹⁴.

No final do século XIX, segundo Saggese (2009)¹³, surgiram as organizações homófilas a fim de posicionar-se contra uma rede de controles médicos, legais e culturais. Na década de 60, com movimentos feministas que pregavam a aceitação da relação sexual apenas por prazer, surgiu o questionamento de que não poderia se opor as práticas homoeróticas consensuais. No final de 1969 ocorreu o episódio de Stonewall. Depois de inúmeras incursões policiais ao bar de mesmo nome (que a maioria de sua freguesia eram gays, lésbicas e travestis), os clientes decidiram reagir e confrontar a polícia ao longo de cinco dias, dando origem ao dia internacional

do Orgulho Gay e ao Gay Liberation Front. O advento de um movimento homossexual mais fortalecido partilhava a ideia de um “ser” homossexual, que ganhou uma importância política¹³.

Até então sendo encarada como uma prática transitória, agora ela constituía parte integrante da personalidade dos sujeitos, fazendo com que houvesse conflito nas esferas pública e privada. A literatura política que sucedeu o episódio de Stonewall parecia apontar diretamente para o problema, sugerindo que, a fim de evitar represálias da sociedade, não deveriam revelar ou expor a sua homossexualidade, como viver no “armário”. Porém, essa mesma literatura apontava para a necessidade de exposição como a única forma de legitimar as demandas por direitos e reconhecimento público¹³.

Além da sociedade, uma grande preocupação dos homossexuais em se assumir é a reação da sua família. De acordo com Frazão (2012)¹⁵, é relativamente seguro afirmar que o “coming out” ou revelação à família podem levar a crises, normalmente esse núcleo reage mal no início e muitas vezes ocorre rejeições emocionais, violência verbal ou física e até mesmo expulsão de casa.

Mesmo assim, muitos homossexuais decidem revelar sua orientação sexual aos seus familiares. “É inegável que muitos indivíduos sentem que não conseguem manter a sua identidade sexual em segredo e que necessitam de partilhar com as pessoas mais significativas”¹⁵.

Para Pinho & Pulcino (2016)¹⁶, ao ser tomada como natural, a heterossexualidade constitui-se em um referencial que dará sentido às diferenças de gênero. Do mesmo modo, confirmar os papéis de gênero garante o discurso da heterossexualidade. A esta ordem social naturalizada dá-se o nome heteronormatividade, fortemente presente na sociedade atual.

“A Heteronormatividade ou norma heterossexual refere-se a um arsenal de valores, normas, dispositivos por meio do qual a heterossexualidade é instituída como a única possibilidade legítima e natural de expressão identitária e sexual¹⁴.

Segundo Junqueira (2009)¹⁴, grupos conservadores procuram contestar e obstruir qualquer avanço que ocorra para o reconhecimento da diversidade, com atitudes sutis ou ostensivas, apoiados pelo preconceito e discriminação sexista e homofóbica. Por outro lado, toda essa discriminação não poderia ser atingida sem o forte envolvimento de setores expressivos da sociedade, produtores de uma cultura que naturaliza a heterossexualidade e a violência homofóbica, sem nem se quer percebê-la como tal.

A escola e a família reproduzem saberes sem considerar a base fortemente heteronormativa da sociedade e acabam por operar no controle e vigilância de gênero e sexualidade¹⁶. Deste modo, o ambiente escolar se converte em uma instituição social responsável pelo controle e correção daqueles considerados anormais, criando os

dispositivos disciplinares de poder. A escola age como um local central para a produção, reprodução e divulgação da homofobia, produzindo estes efeitos sobre todos os que dela participam¹⁴.

Por ser um ambiente que desempenha um forte controle heteronormativo, a escola emprega-o em seus discursos, silêncios e práticas, a escola precisa repensar esta lógica e desvelar os mecanismos de exclusão presentes em seu cotidiano¹⁶. É preciso superar esta educação normalizadora e reprodutora de naturalizações e de opressões. Afinal, esta natureza educacional serve apenas para promover inclusões periféricas e subalternas, sendo incapaz de desconstruir hierarquias, crenças e padrões normativos e normalizantes¹⁴.

Grupos da internet como o espaço fora/ dentro do armário

Para Lévy apud Nobre (2013)¹⁷, o ciberespaço constitui um ambiente de interação e comunicação entre as pessoas que, intermediado pelas conexões entre redes de computadores, circulam informações de organização digital, tendo como suporte o contexto virtual.

Nobre (2013)¹⁷ coloca que nesse enquadramento do ciberespaço, nossa subjetividade é acolhida de maneira irresistível, portanto o contexto composto por comunidades virtuais pode estabelecer relações sociais, podendo ser elas de caráter ocasional ou duradouro, não tendo o tempo ou a distância como fatores limitadores.

Apresentando uma visão crítica aos relacionamentos online, Bauman (2004)¹⁸ os classifica como frágeis, superficiais e descartáveis; afirmando que a internet contribuiu para a fragilidade dos relacionamentos interpessoais por apresentar modelos frívolos de relacionamentos diferentes do “real”. Entretanto, as amizades virtuais tem sido duradouras e com qualidade. Essa possibilidade online também permite aproximar indivíduos que já conheciam pessoalmente e por alguma razão estão distantes fisicamente.

De acordo com Lima (2012)¹⁰, na sociedade contemporânea emerge a sociedade em rede. Esse termo indica o atributo de uma forma de organização social que, graças às novas condições tecnológicas, o processamento e a transmissão da informação são fontes fundamentais. A sociedade em rede, segundo a autora “[...] representa a abertura de espaço a todas as formas de expressão, toda uma diversidade de interesses, valores e criações, inclusive a expressão de conflitos sociais.”¹⁰

Existem grupos virtuais que exercem função de apoio mútuo. Esses grupos de apoio da internet, segundo Yalom (2006)⁸, assumem forma de grupos síncronos, ou seja, em tempo real, que são semelhantes à uma sala de bate-papo.

Conforme Nussbaumer (2008)¹⁹, esse ambiente virtual pode ser entendido como um ambiente estimulante para as pessoas que têm dificuldades em se relacionar no

mundo concreto, devido as suas próprias diferenças ou particularidades, surgindo as “identidades online”, que normalmente refletem suas outras identidades, não assumidas ou pouco assumidas quando estão fora da rede. Os indivíduos têm a possibilidade de aperceberem-se melhor dos acontecimentos importantes de suas vidas cotidianas.

A possibilidade de se comportar no mundo virtual sem que isso crie dificuldades na vida presencial é um atrativo para pessoas que, por alguma razão, não podem fazer determinadas exposições, o que faz com que esses indivíduos criem afetividade em relação ao grupo. Segundo Yalom (2006, p. 402)⁸, “os membros valorizam os grupos, relatam ter mais capacidade de lidar com seus problemas, maior bem-estar, maior conhecimento sobre sua condição(...)”.

De acordo com Nussbaumer (2008)¹⁹, “com a facilidade que a rede oferece, em particular com a criação do correio eletrônico e das listas de discussão, emerge uma infinidade de comunidades virtuais cujos membros, dispersos geograficamente, se reúnem no ambiente virtual, a partir de afinidades ou interesses em comum”. Assim, pessoas de diversos lugares, com interesse em comum, podem criar vínculos de amizade estritamente virtuais por estarem a quilômetros de distância.

Conforme Baldanza (2006)²⁰, a não presença física do corpo não faz com que esse contato seja sem valor ou de sentido de realidade, “o ciberespaço cria condições para uma nova forma de sociabilidade, [...] que por vezes, é carregada de emoções, pois é realizada por pessoas reais”²⁰. Isso significa que o vínculo social não possui restrições por ser virtual ou pela distância, apesar desses obstáculos existirem, uma troca de sentimentos ocorre mesmo assim.

Em relação ao público gay, o ambiente virtual assume uma importância ainda maior, “pois o ambiente offline não oferece para esse público as mesmas oportunidades que oferece para os heterossexuais, em termos de sociabilidade e processos identificatórios”¹⁹. Além disso, no ambiente virtual, esse público tem a possibilidade de criar ou até encontrar websites que possuam comunidades, fóruns ou salas de bate papo que atendam seus interesses.

Neste sentido, Baldanza (2006)²⁰ aponta alguns aspectos positivos na facilidade da interação virtual, como o anonimato, a facilidade na comunicação e a ausência de restrições sociais ou preconceitos, bem como “a possibilidade de fantasiar identidades alternativas vislumbrando outras maneiras de ser, liberdade para relacionamentos de qualquer espécie, ausência de censura e mobilidade territorial”.

Nussbaumer (2008)¹⁹ considera que nas comunidades virtuais se realizam desejos interditados ou difíceis de serem realizados no cotidiano fora da rede, como “se assumir, ter amigos gays, encontrar apoio, trocar infor-

mações, tirar dúvidas, dividir certas alegrias”, enfim, realizar desejos que para alguns homossexuais, especialmente para os jovens gays, não são conquistas simples. A autora salienta que “nessas comunidades virtuais são compensadas lacunas de um cotidiano que nem sempre corresponde aos anseios de muitos dos seus participantes”.

Nesse contexto, o uso da internet é marcado pela dualidade, proteção e visibilidade, como espaço da homosociabilidade. Essas características estão presentes nos discursos em diários pessoais virtuais, nos quais são possíveis notar os problemas vividos pelos homossexuais que usam a rede para compartilhar experiências²¹.

É possível perceber que, “[...] no ciberespaço, estão sendo construídas comunidades capazes de possibilitar modos alternativos de viver a homossexualidade”²¹. Em suma, a autora aponta que esses espaços virtuais surgem como ambientes complementares aos da “vida *offline*”; caracterizam-se por alguma forma de oposição ao sistema heteronormativo; “possibilitam uma escrita de si que contribui para o desenvolvimento do processo de subjetivação da experiência homossexual dos seus membros”¹⁹.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 12 membros de uma comunidade virtual, 9 homens e 3 mulheres. Ao serem questionados sobre sua sexualidade, todas as mulheres responderam que são bissexuais e todos os homens responderam que são gays. Sobre a idade, 3 entrevistados têm entre 18 e 20 anos e 9 de 21 e 24.

Inicialmente a busca foi feita pelo tema da comunidade que seria sobre uma série musical/drama, eram retratadas as minorias sociais, homossexualidade, racismo e preconceito. Apesar da comunidade, de início, não ter tido o objetivo de ser um ambiente de apoio, todos que solicitaram sua participação já estavam se identificando com os temas abordados pela série.

Sobre não se assumirem na época que os vínculos estavam no início, o medo em diversos contextos foi citado como resposta de 12 entrevistados, 7 citaram esse fator como um dos motivos de não se assumirem, medo da reação dos amigos e da família, medo de agressão e violência, medo de julgamentos, medo da exclusão social. Também surgiram fatores como o conflito religioso e a dependência econômica da família.

Aos serem questionados sobre o que tinham em comum além do tema da comunidade, 8 dos entrevistados pontuaram que a sexualidade era um tema comum a todos, além do gosto por séries e músicas. Também surgiram respostas que colocam os problemas pessoais e do cotidiano como um ponto em comum, além de conselhos amorosos e filmes.

Respostas como troca de experiências, acolhimento, reconforto, desabafo e conselhos sobre os problemas

surgiram na questão sobre se existiram momentos em que a comunidade e os membros serviram de apoio. Os 12 entrevistados confirmam que esse ambiente lhes proporcionou esse acolhimento quando foi necessário.

Ao entrarem na comunidade, 11 dos 12 entrevistados não eram assumidos, tinham dificuldades na autoaceitação, quando foram perguntados sobre as mudanças que a comunidade proporcionou, os 11 relataram que a autoaceitação é algo vindo da comunidade. Também foram citados o amadurecimento e confiança, 3 entrevistados colocaram que estão em um relacionamento homoafetivo.

Família, sociedade e religião

Ao serem questionados sobre os motivos de não assumirem a sua sexualidade, muitos colocaram como pontos principais a família, a sociedade e a religião.

"Era muito novo na época que comecei a descobrir o que realmente sentia e identificar isso era um tanto quanto complicado devido ao fato de pertencer a uma família religiosa e conservadora, por isso passei um período muito difícil renegando e lutando contra pensamentos e desejos que nasci aprendendo que eram errados. Além de não querer envergonhar minha família e ficar exposto a sociedade que julga de diversas maneiras quem sai fora dos padrões." S5, 19 anos.

"Medo de tudo. Medo da reação dos familiares e amigos, medo dos desconhecidos, medo de agressão, medo de nunca conseguir namorar e ter uma família, medo de me prejudicar socialmente e financeiramente devido o preconceito no trabalho." S9, 22 anos.

"Preconceito familiar por ser de uma família católica onde a religião é muito forte e presente e a aceitação é uma questão muito difícil entre os meus pais e pela questão social onde ainda existe uma grande maioria de preconceituosos que discriminam e criticam o outro." S8, 24 anos.

Sobre a questão da família, Sagesse (2009)¹³ salienta que a esfera familiar é um dos mais importantes nichos onde a compreensão da homossexualidade aparece como problema central. O autor em sua pesquisa afirma que o ambiente familiar é o primeiro lugar que surge a necessidade de ocultar os desejos e práticas homossexuais. Dos doze entrevistados, cinco não assumiram sua condição sexual para nenhum membro de sua família.

De acordo com Sant'Anna & Daspett apud Silva (2015)²², a homossexualidade, durante muito tempo, foi associada como uma mistura de pecado, doença e crime. Rejeições impactantes e variadas são frequentes no contexto social dos homossexuais, o que faz daqueles cujo objeto de desejo é direcionado para pessoas do mesmo sexo, um dos agrupamentos mais atingidos pelo preconceito, pela intolerância e pela discriminação. A religião foi um impeditivo para alguns membros da comunidade para a autoaceitação.

"Se me perguntarem se sou homossexual, respondo negativamente. Acredito que seja mais por causa de minha religião mesmo, até porque há algum tempo, eu acreditava que a pessoa não era homossexual, mas sim está homossexual, então acredito que uma interferência religiosa pode ser um dos fatores." S12, 22 anos

A comunidade também promoveu vários outros debates sobre temas variados. Sobre assuntos que tinham em comum todos os entrevistados responderam séries, músicas e notícias sobre o cotidiano. Ao serem questionados sobre o acolhimento que tiveram sobre qualquer problema particular que trouxeram, relataram que todos os membros sempre foram muito receptivos.

"Foram incontáveis as vezes em que a comunidade serviu de apoio para mim e meus vários problemas. Muitos ali sempre se dispuseram a me ouvir (até mesmo chorando) e estavam sempre disponíveis para me dar conselhos que vou levar para sempre. Sou eternamente grato por isso." S3, 19 anos.

"Diversas vezes, por vergonha ou até mesmo falta de oportunidades, a gente acaba se trancando dentro do nosso próprio mundo à espera das coisas melhorarem. Através da comunidade que eu pude me abrir mais pras pessoas e buscar ajuda de problemas que eu imaginaria nunca terem quaisquer soluções." S6, 24 anos.

"Muitos problemas na minha vida eu só consegui lidar por causa do apoio da comunidade. Muitas decisões eu tomei - e acredito que as decisões mais acertadas da minha vida - depois de conversas e trocas de vivências e experiências com os membros da comunidade." S2, 23 anos.

Existe um senso comum de que na internet as pessoas são mais desinibidas e assim possuem maior facilidade no contato. De acordo com Suller apud Donnamaria (2012)²³ o anonimato, a assincronicidade na comunicação e a minimização de autoridade – decorrente da ausência dos indícios de status, favorecendo um sentimento de igualdade a todos – estão entre os fatores que contribuem para essa desinibição online.

Esse mundo virtual se configura como uma nova forma de realidade, como uma realidade alternativa e o mundo à parte, suporte para novo âmbito de ação e experimentação para a subjetividade¹⁷. Esses aspectos ajudam a transformar o ambiente num lugar confortável para qualquer tipo de discussão, não apenas sobre sexualidade mas de outras que julgarem necessário.

Papel atribuído à comunidade na autoaceitação

A entrevista também indagou se a comunidade ajudou em relação à orientação sexual e quais foram as mudanças que ela promoveu. As 12 respostas foram positivas, todos afirmaram que esse ambiente teve grande peso na autoaceitação.

"Ajudou sim, até porque lá existiam pessoas na mesma situação confusa em que eu me encontrava. O

que mudou, pelo menos pra mim, é exatamente a minha aceitação. Hoje sei que não sou confusa, nunca fui, apenas não aceitava que poderia me interessar por pessoas do mesmo sexo! Hoje, namoro com uma mulher incrível, sem a comunidade, talvez, nunca me tivesse permitido isso.”S7, 24 anos.

“Ao longo dos anos fui aprimorando minha forma de me comportar na vida real, mesclando características que somente apresentava na comunidade virtual até o tempo que consegui ser eu verdadeiramente com amigos da minha escola, e olha só, já tenho amigos. E esses assim como os da comunidade me conhecem por completo, eu não tenho mais insegurança em me expressar por vergonha da minha orientação sexual. A comunidade me proporcionou todo um ambiente e apoio para que eu me aceitasse e me assumisse. Hoje em dia tenho coragem o suficiente para demonstrar quem sou todos os dias, não preciso ser aquele menino extremamente tímido, inseguro e retraído que era antes da comunidade virtual.” S5, 19 anos.

“Sim, sem dúvidas a comunidade me ajudou de uma forma imensa, os membros conseguiram me ajudar a ver que eu não era uma pessoa sozinha e que tinham pessoas do meu lado, que não havia problema algum em ser o que sou, em gostar do que eu gosto, em agir da forma que ajo.” S4, 18 anos.

“Definitivamente a comunidade me ajudou. Eu não tinha um convívio aberto com pessoas que tinham a mesma sexualidade que eu e com eles eu passei e vi todo o processo de amadurecimento e, em muitos casos, autoaceitação da própria sexualidade. Eu pude com o convívio na comunidade aprender mais sobre a minha condição sexual e me aceitar mais.”S1, 23 anos.

“Muito. Inclusive na comunidade ainda não me aceitava, muita coisa mudou, tive coragem de ficar com a primeira pessoa do mesmo sexo, tive pessoas com quem compartilhar (pessoas ao meu redor ainda não sabiam), e todos fomos nos descobrindo juntos.” S2, 19 anos.

É notável como a comunidade, mesmo que virtual, tem contribuído para seus membros em relação à aceitação de sua sexualidade. Nussbaumer¹⁹ considera que nas comunidades virtuais, se realizam desejos interditos ou difíceis de serem realizados no cotidiano fora da rede, como “se assumir, ter amigos gays, encontrar apoio, trocar informações, tirar dúvidas, dividir certas alegrias”, enfim, realizar desejos que para alguns homossexuais, especialmente para os jovens gays, não são conquistas simples. A autora salienta que “nessas comunidades virtuais são compensadas lacunas de um cotidiano que nem sempre corresponde aos anseios de muitos dos seus participantes”.

De acordo com Lima (2012)¹⁰ é possível a utilização das redes sociais como espaço democrático, de manifestação das diferenças de cada um, de pensamento crítico e de construção coletiva.

Podemos observar a partir do discurso colhido nas entrevistas, que é possível comparar essa comunidade virtual com um grupo de autoajuda. De acordo com Zimermann (1997)⁷ esse tipo de grupo procura auxiliar as pessoas a resolver problemas relacionados a situações de causas existenciais e traumas.

Alguns critérios para se estabelecer um grupo de autoajuda também são semelhantes ao que a comunidade virtual desenvolveu. Rootes e Aanes apud Zimermann (1997)⁷ colocam os seguintes critérios: “são de apoio mútuo e educacional, a liderança vem do interior do grupo, reporta-se somente a um único evento desestruturador de vida, os membros do grupo participam voluntariamente, não tem interesses financeiros ou fins lucrativos, objetivam o crescimento pessoal dos integrantes, tem caráter anônimo e confidencial.”⁷

Todos os critérios foram preenchidos de alguma forma, mas os mais predominantes são o apoio mútuo entre os membros, ter a oportunidade de compartilhar suas frustrações e encontrar pessoas que estão na mesma situação, o desenvolvimento pessoal e a confidencialidade. Todos evoluíram de acordo com sua subjetividade, compreendem melhor sua sexualidade e isso foi possível devido ao anonimato que essa comunidade oferecia e ao vínculo que foi estabelecido.

5. CONCLUSÃO

A internet e as redes sociais estão abrindo novas possibilidades de relacionamento. Nos dias de hoje é comum que as pessoas tenham ao menos uma rede social, principalmente os jovens que na maior parte do tempo estão “conectados”.

Esse meio de comunicação está sendo muito bem-vindo, estabelecendo bons vínculos afetivos e dando a possibilidade de encontrar grupos que acolhem sua maneira de viver e de existir no mundo. No caso do nosso estudo, esses grupos podem ser importantes para homossexuais que não se assumiram e encontram barreiras no seu dia-a-dia por viverem no “armário”.

Essa subjetividade é acolhida pelo grupo e os membros podem ter momentos de conversa e trocar experiências, compartilhando suas frustrações e comemorando suas vitórias. Esse contato, ainda que seja de modo virtual, possui as principais características de um grupo de autoajuda, como o acolhimento e o apoio mútuo, por essa razão podemos supor que esse vínculo possua uma contribuição terapêutica.

Nas entrevistas realizadas é notável a contribuição que o ambiente virtual trouxe para os membros. Com essa experiência eles puderam dividir todos os seus questionamentos sobre o assunto e encarar de melhor forma a sua condição. De acordo com suas respostas, graças a esse ambiente perceberam que não estão sozinhos, cada um teve seu avanço pessoal, como se relacionar com pessoas que são seu objeto de desejo ou sim-

plesmente aceitar de fato sua sexualidade.

Diante de tudo isso, é possível perceber que essas comunidades virtuais promovem um ambiente de conforto aos homossexuais não assumidos que, por medo da sociedade, da reação da família ou por outros diversos motivos, não podem expor sua orientação sexual. Nesse “contexto online”, a pessoa pode sentir-se livre de julgamentos e criar vínculos com outras pessoas com problemas semelhantes, o que permite uma troca de experiências entre os participantes, promovendo a solidariedade entre eles quando se sentem mal ou comemorando quando algum deles avança no sentido de expressão da sua sexualidade.

REFERÊNCIAS

- [1] Miskolci R. O armário ampliado - notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Gênero*, Niterói: IEG. 2009; 9(2):171-190.
- [2] Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. - São Paulo: Atlas. 2002.
- [3] Marconi MDA, Lakatos E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas. 1996.
- [4] Rey G. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Cengage Learning. 2011.
- [5] Pichon-Rivière, E. O processo grupal. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- [6] Osorio LC. Grupos, Teorias e Práticas, acessando a era da grupalidade. Porto Alegre: Artes Médicas. 2000.
- [7] Zimmerman DE, Ozório LC. Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1997.
- [8] Yalom ID. Psicoterapia de Grupo: teoria e prática; tradução Ronaldo Cataldo Costa. - Porto Alegre; Artmed
- [9] Bechelli LPCE, Santos MA. O terapeuta na psicoterapia de grupo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. Ribeirão Preto/SP; Abril. 2005; 13(2):249-254.
- [10] Lima HP, Braga VAB. Grupo de autoajuda como modalidade de tratamento para pessoas com dependência de álcool. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis. 2012; 21(4):887-895. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072012000400020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 de junho de 2016.
- [11] Levisky, DL. (Org.). Apresentação. In: Levisky, D. L. (Org.). *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2001
- [12] Muribeca M. As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte. 2009; 32:117-128. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 ago. 2016.
- [13] Saggese G. Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais. Diss. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. 2009
- [14] Junqueira RD. Diversidade sexual e homofobia: a escola tem tudo a ver com isso. In: Xavier Filha, Constantina (Org.). *Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual*. Campo Grande: UFMS. 2009; 111-142.
- [15] Frazão P. O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Revista Análise Psicológica*. 2008; 26(1):25-45. doi:10.14417/ap.475
- [16] Pinho R, Pulcino R. Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT. *Educação e Pesquisa*, São Paulo. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022016005001102&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 13 de junho de 2016.
- [17] Nobre MR, Moreira J de O. A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro. 2013; 16(2):283-298. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982013000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 de junho de 2016.
- [18] Bauman Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.
- [19] Nussbaume RGM. Identidade e sociabilidade em comunidades virtuais gays. *Bágoas: Estudos gays: gêneros e sexualidades*. 2008; 2(2):211-230.
- [20] Baldanza RFA. comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29. Brasília, 2006. Anais.... São Paulo, 2006
- [21] Alonge W. Homossociabilidade midiática: do silenciamento aos relatos íntimos da auto-afirmação identitária em blogs gays. *Bágoas: estudos gays, gêneros e sexualidades*. 2007; 1(1):249-268.
- [22] Silva MML, *et al* . Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto. 2015; 23(3):677-692. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2015000300012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 ago. 2016.
- [23] Donnamaria CP, Terzis A. Algumas notas sobre as relações humanas mediadas por computadores. *Mental*, Barbacena. 201; 10(18):165-178. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272012000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 abr. 2016.